

HENRIQUE RIOS GONÇALVES
CAIO BRUGNEROTO
SÉRGIO EDUARDO FAZANARO VIEIRA

Acolher é Evangelizar: Retratos da Humanidade no chão de Aparecida



Santuário Nacional

APARECIDA - SP

**ACOLHER É EVANGELIZAR:
RETRATOS DA HUMANIDADE
NO CHÃO DE APARECIDA**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Gonçalves, Henrique Rios

Acolher é evangelizar: [livro eletrônico] :
retratos da humanidade no chão de Aparecida /
Henrique Rios Gonçalves, Caio Brugneroto, Sérgio
Eduardo Fazanaro Vieira. -- 1. ed. -- Campinas, SP :
Ed. dos Autores, 2026

PDF

ISBN 978-65-02-07343-8

1. Cultura popular 2. Fotografias 3. Peregrinos e
peregrinações - Aparecida (SP) 4. Peregrinação
religiosa 5. Religiosidade 6. Santuário de Nossa
Senhora da Aparecida I. Brugneroto, Caio. II. Vi-
eira, Sérgio Eduardo Fazanaro. III. Título.

26-355506.0

CDD-779.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Santuário Nacional de Aparecida : Igreja Católica
: Fotografia 779.92

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/O

Henrique Rios Gonçalves
Caio Brugneroto
Sérgio Eduardo Fazanaro Vieira

**ACOLHER É EVANGELIZAR:
RETRATOS DA HUMANIDADE NO
CHÃO DE APARECIDA**

1ª Edição
2026

Campinas/SP
27 de abril de 2026

O presente material foi elaborado pelos alunos Henrique Rios Gonçalves e Caio Brugneroto, ambos matriculados no curso de Bacharelado em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), e desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Fazanaro.

Henrique Rios Gonçalves, natural da cidade de Campinas (SP), iniciou, em 2024, sua formação junto aos Missionários Redentoristas da Província Nossa Senhora Aparecida, no Projeto Vocações Adultas, no Seminário São Clemente, em Campinas (SP).

Caio Brugneroto, natural da cidade de Elias Fausto (SP), ingressou no Seminário da Arquidiocese de Campinas no ano de 2023.

Prof. Dr. Sérgio Eduardo Fazanaro Vieira é docente do curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), atuando nas áreas de Filosofia, Cultura e Educação.

“Para nós, este estudo foi de suma importância para compreender a expressão de fé de tantos romeiros que depositam suas histórias nas mãos da mãe Aparecida”

Este Livro é fruto do trabalho da Disciplina Projeto Integrador – Estética e Cultura do Curso Bacharelado em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Eduardo Fazanaro Vieira.

Este trabalho é uma atividade extensionista do curso, uma dimensão formativa essencial da educação superior, que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, desempenhando um papel fundamental para a dimensão social da universidade.

Por meio da extensão, a universidade materializa sua missão, participa das comunidades de seu entorno e da sociedade em geral e compartilha conhecimentos e saberes com outros setores sociais.



O Olhar e a Fé: Uma Etnografia no Coração de Aparecida

Caminhar por Aparecida é atravessar um oceano de histórias gravadas no asfalto e no concreto. Entre o brilho das velas e o silêncio das preces, o Santuário Nacional não é apenas um monumento arquitetônico, mas um organismo vivo, pulsante de símbolos e significados que desafiam a observação superficial. Para o filósofo e o pesquisador, o desafio é capturar não apenas o que se vê, mas o que se sente: a alma de um povo que faz da devoção o seu modo de estar no mundo. É sob esse olhar, sensível à complexidade da cultura popular, que este trabalho, fruto de uma atividade extensionista do componente curricular Projeto Integrador, busca identificar, na comunidade externa, experiências e questões que possam ser elaboradas filosoficamente no âmbito da instituição, devolvendo à sociedade uma reflexão construída a partir do que foi observado e registrado por meio de uma pesquisa fotoetnográfica da fé e da cultura popular no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida.

A relevância do tema se estabelece na necessidade de compreender as manifestações de um povo que carrega tradições centenárias, visto que a cultura, conforme definição de Nicola Abbagnano, compreende o conjunto dos modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para a outra entre os membros de determinada sociedade. O campo escolhido para os



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

registros, o Santuário de Aparecida, é considerado o maior centro de peregrinação religiosa da América Latina e revela-se como um complexo cultural e de fé onde se vivenciam manifestações de devoção, práticas culturais e relações sociais das mais diferentes formas. Diante da vastidão e da riqueza do campo, este trabalho busca compreender de que modo a complexidade da fé e da cultura popular vivenciadas no Santuário e em suas adjacências pode ser apreendida e descrita de forma autêntica, transmitindo sua profundidade, sentimentos, espiritualidade e aspectos sociais.

Segundo Bronisław Malinowski, para que um trabalho etnográfico seja válido, é necessário que ele cubra a totalidade de todos os aspectos, social, cultural e psicológico, da comunidade. A finalidade deste método se alinha aos Fundamentos Filosóficos da Cultura ao apreender o ponto de vista dos nativos e sua visão de mundo, demonstrando que as ações humanas no campo da devoção popular não são guiadas por um cálculo utilitário, mas por necessidades emocionais e estéticas de ordem mais elevada, exigindo que a sociologia se ampare na psicologia para entender os motivos e sentimentos subjetivos do fiel. De modo complementar à imersão defendida por Malinowski, o etnógrafo pode seguir a observação ilustrada por Italo Calvino em Palomar na Praia, onde o personagem busca reduzir a complexidade caótica do mundo ao



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

concentrar-se na observação de uma única onda, delimitando um objetivo preciso.

No entanto, como nota Calvino, não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles que ela própria faz nascer. A tentativa de Palomar de delimitar um quadrado de praia falha, pois a imagem organizada se desfigura e se fragmenta. Da mesma forma, a fé em Aparecida não pode ser reduzida ao ato isolado de "pagar promessas", mas deve ser compreendida em sua relação com o mito fundador a pequena imagem encontrada no rio, cuja recepção simbólica, no imaginário popular, foi associada por alguns intérpretes à denúncia da escravidão. Esta etnografia tem o intuito de ir além da descrição superficial para capturar a coerência da fé, registrando as devoções, a cultura e o amor que motivam os peregrinos. Assim, a Passarela da Fé, percorrida em sacrifício, ou a chegada de romeiros após dias de caminhada, devem ser vistas como entrega e resiliência, pilares da fé que levam à ação social, a exemplo de narrativas religiosas que vinculam a devoção mariana a processos de transformação social, inclusive no imaginário em torno da abolição da escravidão. Esta pesquisa busca registrar as formas simbólicas de devoção, garantindo que a documentação não se restrinja às estruturas arquitetônicas ou ritos vazios, mas que represente a vida, o espírito e a espiritualidade da fé.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Retratos da Fé: O pulsar da vida no chão de Aparecida.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Ao observar o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, a partir deste ângulo elevado, observamos o fluxo de pessoas e não os indivíduos. Palomar, que, diante do mar, tenta compreender a mecânica de uma onda para explicar o oceano, nos permite uma metáfora de que aqui observamos uma "onda de concreto", a Passarela da Fé, que ondula a paisagem, como o movimento das águas do Rio Paraíba do Sul, onde a imagem foi encontrada e o primeiro milagre atribuído à Senhora Aparecida, "A Pesca Milagrosa", canalizando a devoção popular em direção ao seu centro.

A fotografia revela uma arquitetura que transcende a engenharia civil. A passarela, com suas grades azuis ritmadas por bandeiras brancas, amarelas e azuis (as cores do Vaticano e da padroeira), não atua apenas como uma ponte física de ligação entre a Basílica (o passado histórico) e o Santuário Nacional (o presente monumental ao fundo). Esta estrutura é o "esqueleto" social que sustenta o rito de passagem. Ela é um espaço liminar: quem nela caminha já não está mais na cidade profana, preso ao passado, mas ainda não chegou ao altar sagrado.

O olhar etnográfico captura a desproporção intencional de escalas: ao fundo, a Basílica eleva-se por seus tijolos, suas fachadas ornadas pelos mosaicos, que narram trechos bíblicos e sua torre que toca o céu cinzento, imponente e sólida. Em contraste, sobre



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

a passarela, os peregrinos são pontos minúsculos e coloridos, uma manifestação em movimento perpétuo. A imagem não congela apenas pessoas caminhando, ela registra a força da fé que leva até o templo.



**Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida**

Não há caos neste fluxo. Há uma ordem implícita, regida não por leis de trânsito, mas por "necessidades emocionais de ordem elevada". O romeiro não atravessa essa estrutura por utilidade, para encurtar caminho; ele a atravessa por sentido. Cada bandeira tremulando ao vento e cada passo dado sobre o concreto suspenso são os primeiros versos de uma narrativa de sacrifício e gratidão que tentaremos decifrar.

Se a etnografia exige o contato com a "carne e o sangue" da realidade nativa, é por esta artéria de concreto que o sangue da fé brasileira pulsa para manter vivo o coração do Santuário.

Ao adentrar no 'campo' do Santuário Nacional, a primeira impressão é a de um oceano indomável, aqui se evidencia a impossibilidade de reduzir a fé a um único ato litúrgico. A fé aqui é sistêmica, intensa e profundamente humana.

Esta narrativa busca, portanto, ir além do "esqueleto" da estrutura religiosa para tocar na "carne e sangue" da vida, registrando os "imponderáveis da vida real". As imagens a seguir não são meras ilustrações; são recortes deste tecido vivo, onde o sagrado e o profano, o cansaço e a exaltação, se fundem em uma única experiência e manifestação de fé e devoção.

Ao percorrer estas imagens, a narrativa busca conduzir o leitor a uma compreensão mais profunda da fé, da humanidade, da conexão buscada entre o Humano e o Divino entre a ação humana



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

e a graça recebida, entre os pedidos silenciosos e a escuta de um Deus Amoroso por intermédio de sua Mãe, também adotada por Mãe de cada devoto.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida



Se durante o dia a Passarela da Fé é um fluxo contínuo e colorido, à noite ela se transforma em um espaço de intimidade e penitência. A observação etnográfica, neste recorte temporal, exige que deixemos de lado a visão da massa para focar na singularidade do indivíduo que sofre e agradece.

A imagem nos apresenta as dualidades da locomoção sagrada. **Um povo** que **descia** a passarela para chegar ao Santuário, agora é visto em cada **pessoa** que **sobe** para retornar à vida, elevada pela experiência vivenciada. Em primeiro plano, vemos uma senhora que, apoiada em sua bengala, **caminha**. A bengala deixa de ser apenas um instrumento ortopédico de apoio físico para se tornar um símbolo teológico: é **o suporte da fragilidade humana** que insiste em caminhar em direção ao sagrado. O "modo de ser cuidado", tão caro à nossa compreensão ética, manifesta-se aqui na autonomia dessa mulher que, apesar das limitações, exerce sua fé em movimento.

Logo ao lado, o registro captura a interrupção abrupta desse caminhar: uma mulher **ajoelhada**, prostrada sobre o concreto frio. Malinowski nos alertaria para não vermos isso apenas como um rito exótico, mas como a manifestação tangível de um sistema de crenças onde o corpo é o veículo da promessa. O joelho no chão não é um ato de humilhação, mas de uma **dignidade que se eleva** justamente quando o corpo se **abaixa**.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Sob a luz artificial e o tremular das bandeiras amarelas, percebe-se que a passarela é o palco onde a dor física é ressignificada. Ninguém caminha ali por lazer, caminha-se pela graça. A senhora com a bengala e a mulher de joelhos compartilham o mesmo espaço físico, mas vivenciam motivações diferentes: o tempo da superação e o tempo da contemplação. Diante disso, a narrativa revela que a fé em Aparecida é, essencialmente, um exercício de persistência.



Engelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Após a longa caminhada pela Passarela da Fé, o romeiro depara-se com a monumentalidade da entrada. A visão, neste ponto, foca-se no conceito de liminaridade: o espaço do 'entre': a fronteira que separa **o mundo** profano, ríspido e carregado dos desafios cotidianos **da Basílica**, território sagrado, de conexão com Deus e com a humanidade e realidade de cada um. A foto captura este rito de passagem, onde a arquitetura impõe uma pausa solene antes do ingresso. Uma pausa de meditação, introspecção e oração, para que o fiel possa adentrar o espaço consciente de toda a sua humanidade, em uma existência carregada de uma história com suas conquistas e dificuldades, acertos e erros, dons e limitações.

O momento destaca a porta santa revestida de bronze, gravada com os versos do Salmo 100: "Aclamai o Senhor, terra inteira... Entrai por suas portas dando graças". Contudo, a narrativa não se detém apenas na escrita no metal, mas no comportamento da devota que deposita sua fé nela. Vemos uma mulher que não apenas lê as inscrições, ela as toca. Ela apoia o corpo e as mãos sobre a superfície fria e rígida do bronze, num gesto de profunda intimidade e reverência.

Esse comportamento revela que a estrutura física do templo não é inerte; ela se apresenta, simbolicamente, como um ente vivo. A porta atua como a "pele" do Santuário. Quando toca, a



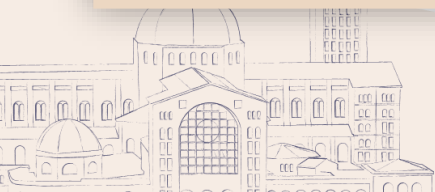
Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

peregrina busca uma conexão tátil com o divino antes mesmo de avistar o altar e a imagem da Santa. É um momento de desaceleração: o fluxo contínuo e rápido da caminhada cessa, dando lugar a uma respiração estática e contemplativa.

A monumentalidade da porta, que poderia intimidar pela sua escala e dureza material, ou passar despercebida, por ser apenas uma porta, torna-se algo divinizado, pela presença da fiel. Ela se veste com um longo vestido estampado, sinalizando que aquele momento é festivo e solene, um momento de “dar graças ao Senhor”. Ali, a fé deixa de ser apenas palavra e se torna presença. A porta não serve apenas para fechar ou abrir o espaço, ela serve para ser sentida, para abrir nossos corações, como se o próprio Deus pudesse ser acessado através das inscrições bíblicas.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida



Antes de subir ao altar ou acender as velas, o romeiro muitas vezes dirige-se a um espaço que atua como o "museu da fé": a Sala das Promessas. A foto registra um rito de passagem fundamental: a entrega do ex-voto. O que vemos sobre o balcão não é uma mercadoria sendo negociada, mas uma graça sendo documentada.

A fotografia destaca, em primeiro plano, uma senhora, diante de uma atendente. Sobre o vidro, repousa o objeto de cera, a representação de um órgão humano. O olhar etnográfico percebe que ali ocorre uma transsignificação: aquele pedaço de cera deixa de ser um objeto inanimado para se tornar um "testemunho que brota da alma". A romeira está entregando a prova de sua caminhada. Ela está depositando a sua história nas mãos da igreja para que sua cura individual se torne parte da esperança coletiva.

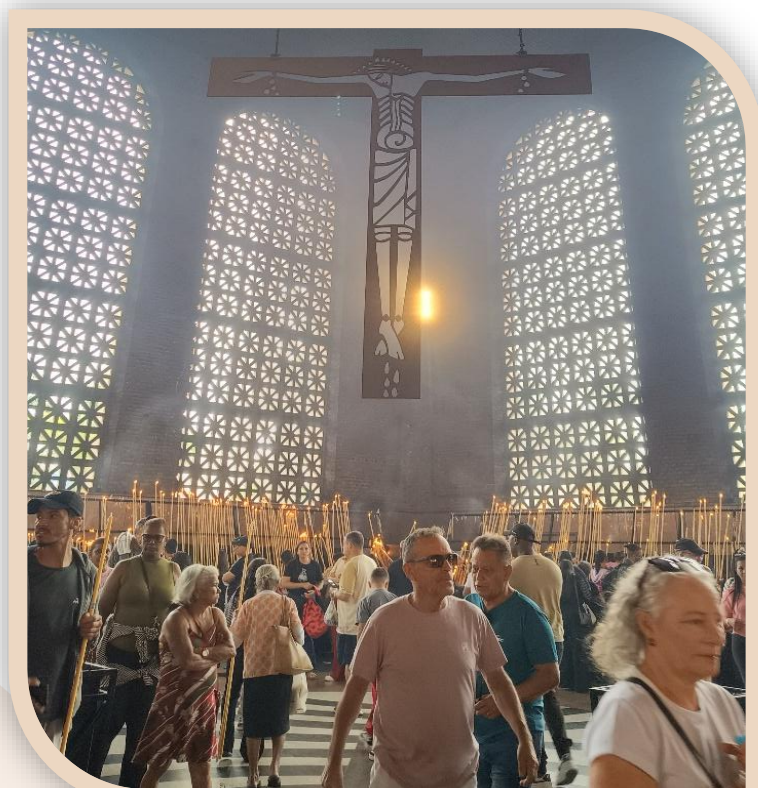
A Sala das Promessas é o local onde a fé ganha perenidade. Ao entregar o ex-voto, a mulher encerra um ciclo de dor e dificuldade. O gesto de estender a mão e soltar o objeto sobre o balcão é um ato de desapego, gratidão e superação. Ela confia à atendente, que aqui atua como uma guardiã da memória sagrada, a materialidade do seu milagre.

A interação é serena, quase burocrática, mas carregada de densidade humana. A atendente, com seu sorriso acolhedor, não recebe apenas cera, recebe uma vida. A mulher, com sua postura



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

digna, personifica o cumprimento da palavra empenhada. Naquele balcão, a ética do romeiro se completa: a graça recebida no silêncio da intimidade é agora tornada pública, transformando-se em patrimônio de todos os que visitam aquele lugar e em testemunho da fé, do milagre e da graça, criando esperança para aqueles que visualizam tantas graças alcançadas, e muitas vezes já não acreditavam, reacendendo em todos os que por ali passam, a chama da fé e da confiança em Deus e na Mãe Aparecida.



**Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida**



Essa chama, acesa em cada devoto, torna-se ainda mais visível quando adentramos a 'Sala das Velas'. A etnografia visual nos obriga a transitar entre duas dimensões: o divino que paira sobre nós, observa e se faz presente, de braços abertos, que na Cruz, abraça a cada um, e aqui abraça cada pedido e intenção elevada, e o humano que busca o superior, pede, age e tem suas necessidades e sua própria vida abraçadas pelo Senhor.

A foto captura a atmosfera densa deste espaço. Acima da multidão e da fumaça que sobe incessantemente, paira uma grande cruz estilizada. O Cristo ali representado não é apenas uma imagem estática de sofrimento, ele parece flutuar sobre a "neblina" formada pela queima de milhares de intenções. A arquitetura, com seus tijolos geométricos filtrando a luz natural, cria um ambiente onde a fumaça das velas se mistura à luz do sol, sugerindo que as preces ali depositadas estão, de fato, ascendendo.

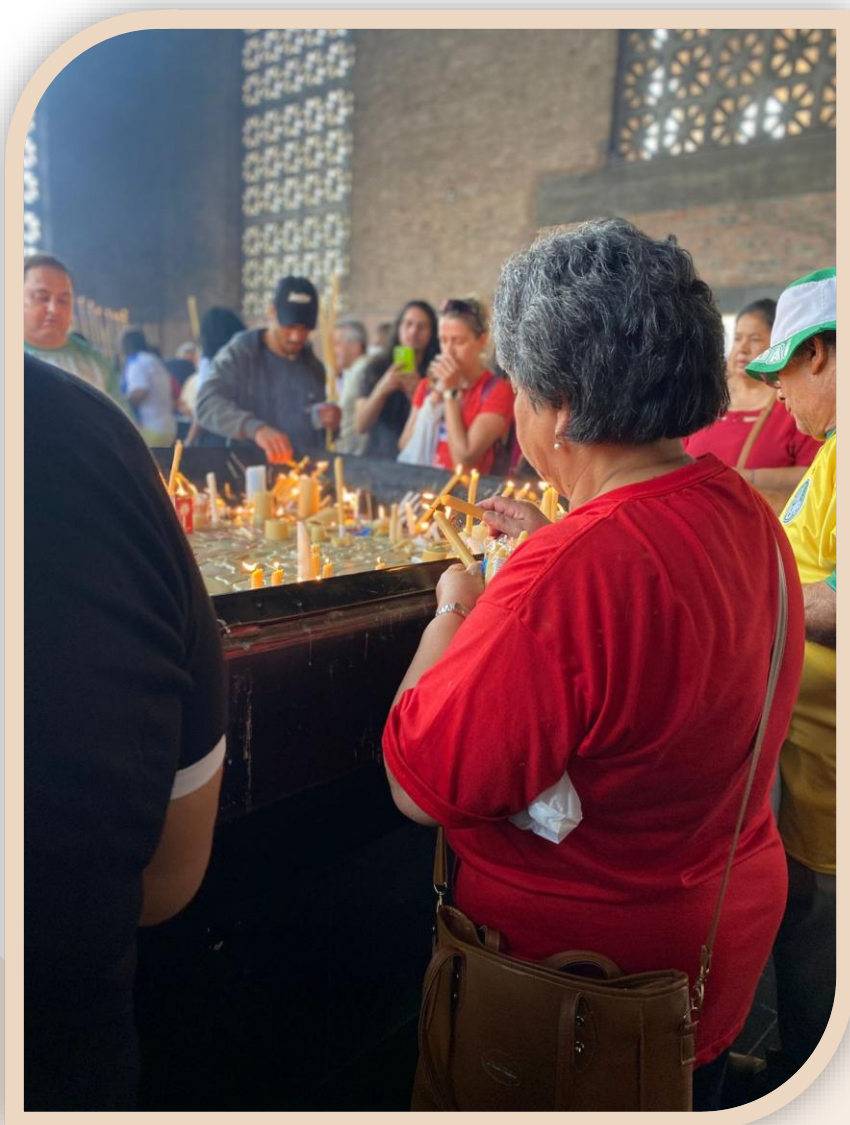
Sob a ótica teológica, essa imagem representa o acolhimento vertical: a dor e a esperança humana (embaixo) sendo recebidas pelo sagrado (em cima).

O ambiente que nos convida à conexão, leva cada fiel ao movimento que, **tendo descido a passarela**, confia a Deus tudo o que traz e busca, **eleva seus pedidos e preces**, deixa queimando todas as suas intenções, na certeza de que chegam a



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Deus, para que assim, se **eleve a humanidade** e se torne mais leve **sua subida** que fará no retorno à sua realidade e cotidiano.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

No entanto, a fé não vive apenas de abstrações, ela exige o gesto concreto. A foto nos traz para o nível do chão, para a "horizontalidade" da ação ritual. Vemos uma senhora, vestida de vermelho, concentrada no ato de acender sua vela. Junto a ela, vemos ainda mais mulheres ao fundo, também de vermelho, no mesmo gesto. A cor que relembra, na espiritualidade, o amor e o sacrifício é predominante na imagem. Esse não é um ato mecânico, mas um rito carregado de significado funcional e psicológico.

Observa-se a seriedade e os semblantes das pessoas na foto. Vemos o cuidado com que elas manuseiam as velas. Para essas pessoas, acender a vela não é apenas gerar luz, é materializar uma prece que talvez não possa ser dita em palavras. Elas insetam sua pequena chama num incêndio controlado de esperança. Se na foto anterior o Cristo olha por todos, aqui, nesta imagem, cada devoto olha por si e pelos seus. É o encontro da fragilidade humana com a potência do fogo. A vela é o corpo da promessa: finita, consumível, mas capaz de gerar luz e calor enquanto existe.

Nesse sentido, a justaposição destas duas imagens revela a dinâmica do Santuário: um espaço onde a estrutura monumental (a Cruz) valida e dignifica o pequeno gesto individual (a vela), transformando a fuligem em incenso e o calor em oração.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida



Acolher é Evangelizar :
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Ao observarmos a "Sala das Velas" em sua totalidade, a etnografia visual nos confronta com a paisagem que não registra apenas um conjunto ordenado de velas, ela captura um "magma" de cera derretida, uma substância viva, quente e em constante mutação.

Neste espaço, a individualidade da prece sofre uma metamorfose fascinante. O fiel chega com sua vela intacta, um símbolo de sua intenção particular, de sua dor específica ou de seu agradecimento único, no entanto, ao depositá-la no fosso, a cera de sua vela derrete e se mistura inevitavelmente à cera da vela dos demais fiéis. Diante disso, percebe-se que a fé em Aparecida não é um ato de isolamento, mas de fusão. **O "eu" se dissolve no "nós"**. As histórias de vida, os pedidos de cura e as lágrimas ali vertidas, fundem-se em uma única massa incandescente e coletiva.

O olhar atento destaca em primeiro plano os ex-votos de cera, cabeças e membros, que repousam sobre o líquido quente. Essa é a materialização necessária da esperança. Para o devoto, a graça recebida precisa ter peso, forma e cor. O fogo não destrói essas intenções, ele as consome para elevá-las. A fumaça que sobe, filtrada pela luz geométrica dos tijolos ao fundo, carrega consigo a densidade da experiência humana ali depositada.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Sendo assim, este "mar de cera" opera como um forno da devoção popular. Em uma sociedade marcada pela liquidez, onde os laços são frágeis e momentâneos, este líquido quente prova o oposto: aqui, a conexão com o sagrado e com o outro é visceral, ardente e palpável. O que resta no fosso não é resíduo, é a prova concreta de que a fé, quando partilhada, é capaz de gerar luz e calor



angelizar:
humanidade
no chão de Aparecida

Se a passarela é o fluxo, a Sala das Promessas é o arquivo, e a Sala das Velas é o fogo, o Nicho é o clímax. A imagem congela o instante derradeiro da peregrinação: o momento em que a devota se encontra, finalmente, face a face com a Imagem da mãe. A fotografia captura um paradoxo fascinante: a mulher mantém os olhos cerrados.

Por que fechar os olhos justamente quando se tem diante de si o objeto de tanto desejo visual?

A etnografia nos permite interpretar que, neste instante de oração suprema, a visão física se torna desnecessária, talvez até insuficiente. Ela fecha os olhos para se conectar com a Mãe que está à sua frente. Ela acessa uma "visão tátil" e interior.

É o momento de entrega total, onde as barreiras de vidro blindado do Nicho se dissolvem e ocorre a verdadeira troca: a Mãe olha para a filha, e a filha, no escuro acolhedor de suas pálpebras, sente o olhar da Mãe e olha para a mãe, que não está somente naquela pequena imagem, mas que está com a peregrina, abraçando, acolhendo, cuidando, em seu coração e em seu amor. Ver a imagem, a convida a ver seu amor por Maria e por seu filho, que está em seu interior, em seu coração, onde os olhos não são capazes de enxergar.

As lágrimas que escorrem pelo seu rosto não são apenas de tristeza ou súplica, mas de transbordamento. A descarga



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

emocional de quem carregou o peso de uma vida e de uma estrada até ali é a prova concreta dessa jornada física, expressa no bastão improvisado que segura firmemente em suas mãos. Aquele pedaço de plástico preto não é apenas um apoio ortopédico, é uma relíquia. Ele é a testemunha silenciosa de cada passo no asfalto, de cada bolha nos pés, de cada momento em que a desistência rondou o pensamento, mas foi vencida pela fé. Ali, segurando o símbolo de seu sacrifício (o bastão) e vestindo o colete amarelo de seu grupo de romaria e de sua segurança nas noites a fio caminhando pelo asfalto da rodovia, ela personifica a definição de que a fé atende a necessidades emocionais de ordem mais elevada.

Atrás dela, a camisa de um rapaz com os dizeres "Coração de Maria" serve como legenda involuntária para a cena: o que vemos não é apenas uma mulher chorando, é um coração humano em sintonia absoluta com o sagrado.

A referência ao 'Coração de Maria' intensifica, na cena, a dimensão afetiva da devoção e da entrega que ama, e que quer ensinar a amar de volta, e amar também o seu filho Jesus, aumenta a fé e transborda nos olhos cerrados de um coração humano que ama de volta, talvez não tanto quanto quer ou pode, mas que se entrega e se compromete a amar ainda mais. Amor que enche a humanidade e jorra em lágrimas diante da Virgem.



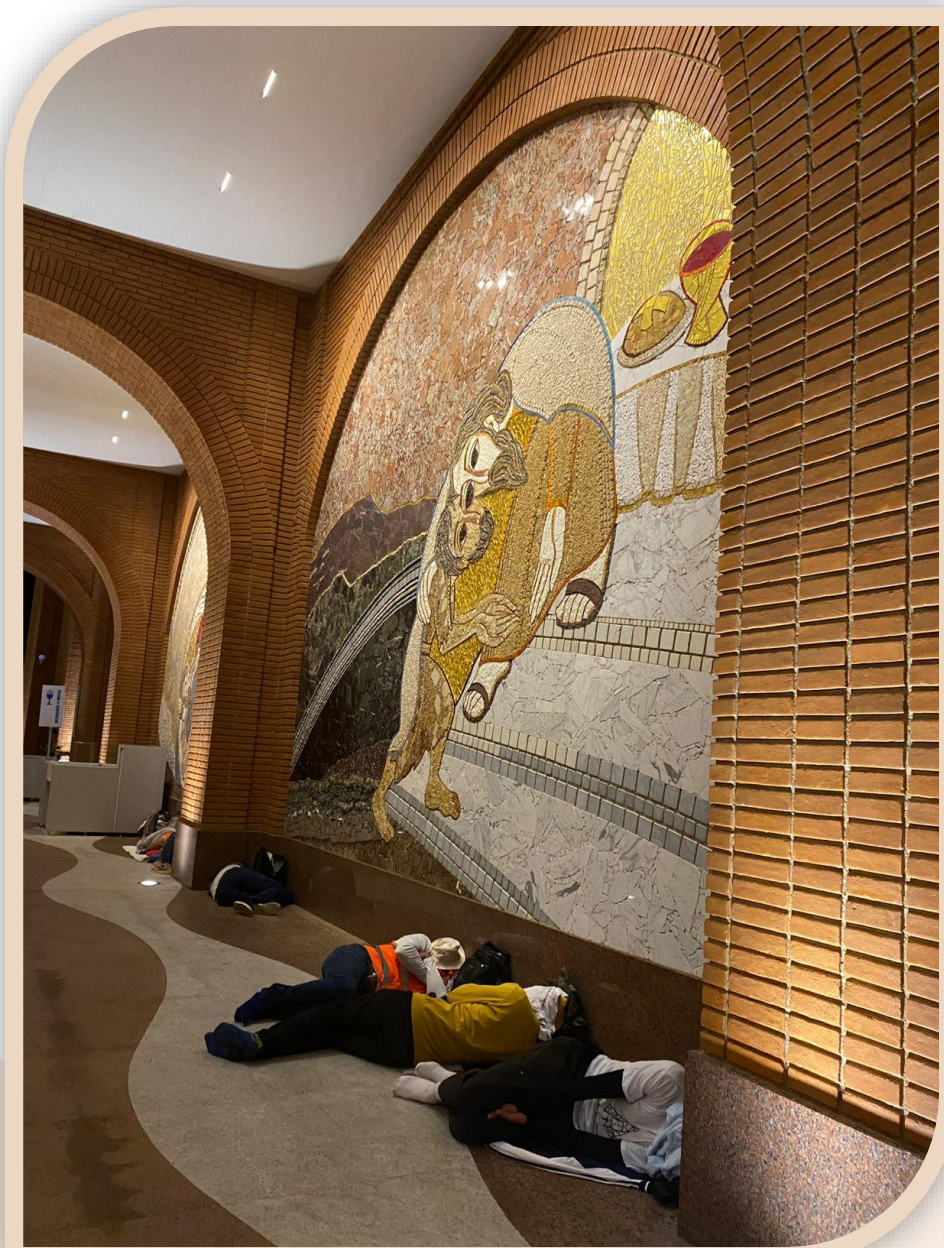
Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

A cena sugere um ponto de encontro entre o humano e o sagrado, marcado pela contemplação, pelo silêncio e pela entrega. O sagrado e o humano se tocam, se sentem, se amam, o humano é elevado e o sagrado humanizado. Nesta cena, cumpre-se a promessa, atendem-se os desejos, se encontra o que buscava, ou o que havia perdido, as palavras que outrora se faziam vividas e eram tocadas, aqui são insuficientes para descrever e dialogar com a mãe, por isso o momento é de contemplação, silenciar, calma, realização.

Ao abrir os olhos e quando iniciar o passo de retorno, a peregrina já não é a mesma que subiu a rampa. O bastão, antes símbolo do esforço e da fadiga, transfigura-se em cajado de uma nova jornada que se inicia fora dos muros do Santuário. A experiência do Nicho não se encerra no olhar lacrimoso ou no breve instante diante do vidro, ela se expande para o 'chão da vida', onde o sagrado, agora humanizado e guardado sob as pálpebras, torna-se bússola. O silêncio daquele encontro reverbera como uma força mística que sustenta o cotidiano, provando que a verdadeira romaria não termina na imagem de barro, mas frutifica no coração que, tendo sido acolhido pela Mãe, faz-se agora capaz de acolher o mundo com a mesma ternura e resiliência.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida



Após a vivência narrada, a exaustão toma conta do peregrino, que precisa repousar seu corpo para recuperar-se do cansaço, das dores, das lágrimas e das limitações físicas, encontrando então um lugar para encostar a cabeça.

Diante desta cena, a etnografia exige silêncio!

Esta imagem representa o ponto central da nossa reflexão: a perfeita comunhão entre a estrutura monumental, a divindade representada e a humanidade exaurida.

Uma imagem, inicialmente atrelada à mendicância (dormir no chão) aqui nos faz refletir como somos carentes, nem sempre de algo material, mas espiritual, das graças e intercessão. No Santuário Nacional, a humanidade se reconhece dependente da caridade dos irmãos e divina, dependentes de acolhida, de amor e de descanso restaurador, proporcionados pela “Casa da Mãe”, que olha por todos os seus filhos e não os abandona.

O olhar do observador é convocado a realizar um movimento pendular: erguer-se para a parede e repousar no chão. Ao fundo, o imponente mosaico narra uma cena teológica de profunda humanidade: a figura do Cristo que se inclina para levantar um homem caído, ofertando-lhe o pão.



**Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida**

Se observarmos com cuidado, notaremos um detalhe perturbador e magnífico: os olhos de Jesus e do homem socorrido se fundem, tornando-se um só. É a representação visual da empatia absoluta, onde o divino não apenas vê a miséria humana, ele se faz presente na miséria humana “Ele veio morar entre nós” (Jo 1, 14) para doar-se à humanidade e elevá-la. O olhar de quem doa e de quem recebe torna-se a mesma visão de mundo. Essa é a representação da fé que crê em um Deus que se aniquila, se faz humano para viver em tudo a humanidade, exceto o pecado, até a morte, e morte de cruz. Um Deus que se faz próximo na simplicidade, conhecido, conhecedor, para que assim possa ser amado.

Abaixo dessa cena monumental, no "chão da realidade", a vida imita a arte em uma mimese perfeita. Peregrinos dormem, descalços, com seus pertences amontoados, entregues à exaustão física da jornada. Um olhar superficial e puritano poderia julgar a cena como desordem no templo. Contudo, a perspectiva etnográfica revela que ali ocorre a mais alta função social do Santuário: o acolhimento, com seu lema “Acolher bem, também é evangelizar”.

Aqueles que dormem são a materialização do homem pobre do mosaico. Eles não estão profanando o espaço, estão habitando-o com a intimidade radical de filhos na casa da mãe. A parede narra a misericórdia, o chão a executa. O Santuário



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

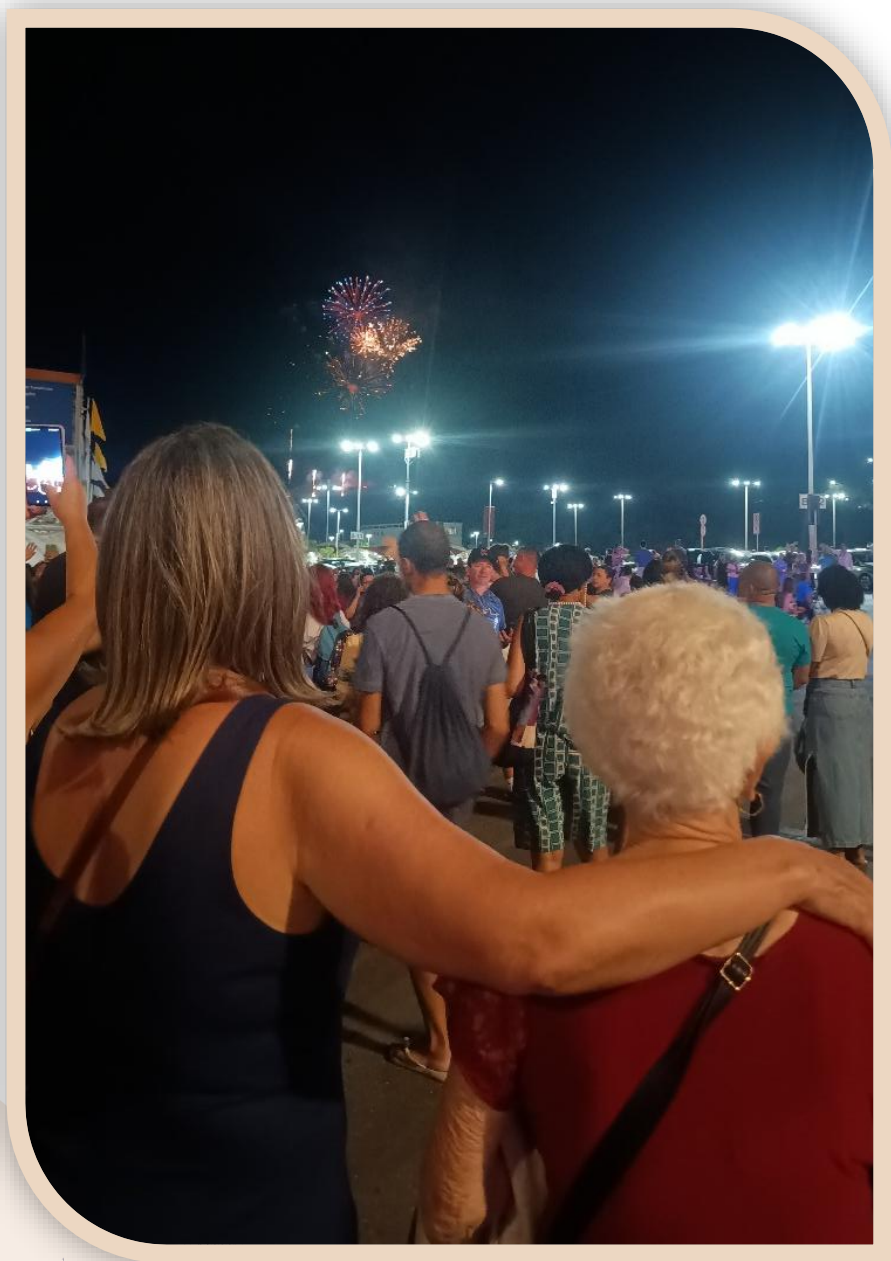
oferece o "pão" espiritual através da liturgia, mas oferece também o abrigo físico através de sua estrutura.

Nesse sentido, a imagem captura a coerência final da fé em Aparecida. O mosaico prega que Deus e o homem compartilham o mesmo olhar, o sono tranquilo dos romeiros prova que, naquele espaço, a dignidade de descansar sob o olhar divino é o verdadeiro milagre. A fé aqui não é apenas a vigília e a prece, é também a confiança de fechar os olhos e saber-se protegido, como um filho que corre à casa da mãe e ali encontra abrigo, segurança, acolhida, carinho e amor.

Assim, a mística de Aparecida revela sua face mais humana: a santidade que não teme o cansaço e a sacralidade que se deixa tocar pelo pó da estrada. O repouso do romeiro sobre o ladrilho frio não é ausência de fé, mas a sua forma mais absoluta, é o abandono de quem já não precisa de palavras, pois o corpo exausto fala a língua da entrega. No silêncio desse descanso, o Santuário deixa de ser apenas arquitetura para se tornar colo. O mosaico na parede e o homem no chão deixam de ser duas realidades distintas para se tornarem uma única liturgia viva: a celebração de um Deus que não apenas habita as alturas, mas que escolhe, deliberadamente, reclinar-se na poeira para velar o sono de Seus filhos.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida



**Acolher é Evangelizar :
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida**

A observação etnográfica encerra-se não com o olhar baixo do cansaço, mas com o olhar alto da celebração. A foto registra o momento em que a noite, antes palco de sacrifícios na passarela, é rompida pela luz dos fogos de artifício, contudo, o verdadeiro espetáculo não está no céu, mas no gesto que ocorre na terra.

Entendemos que a festa não é um adendo supérfluo ao rito religioso, ela é parte integrante da sua função social. Após a tensão da promessa, o calor do fogo e a catarse do choro, o corpo social exige o relaxamento, mas também a alegria. A explosão de cores no céu atua como uma validação cósmica do esforço empreendido.

A fotografia destaca, em primeiro plano, um gesto de profunda ternura: um braço que repousa sobre o ombro alheio. É o retorno à horizontalidade, não mais para a troca de ex-votos, mas para o afeto puro. A comunidade de fiéis, que começou como uma massa anônima na passarela, passou por uma massa quente das ceras derretidas, termina aqui como uma família unida pela experiência compartilhada.

Neste abraço, uma mulher mais jovem abraça uma senhora de cabelos brancos. A diferença de idade revela o ciclo da vida: aquela mãe, que tantas vezes guiou os passos da filha e lhe ensinou a rezar, agora é amparada por ela. A filha orienta os olhares da mãe para a luz. Neste abraço, reflete-se a própria dinâmica



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

com a Mãe Aparecida: somos todos filhos cuidados, ensinados a olhar e encontrar com seu filho, Jesus, e ao amadurecer na fé, aprendemos também a cuidar uns dos outros e orientar as pessoas a olhar para o Cristo e para a Mãe.

A senhora que observa o céu não precisa mais fechar os olhos para ver o sagrado, agora se manifesta na beleza efêmera da luz que rasga a escuridão. É a síntese da esperança que move milhões a este lugar. O romeiro chegou com o peso de sua cruz, entregou-a em seus ex-votos, queimou-a no fogo das velas, chorou-a diante da imagem, descansou-a no chão de pedra e agora, finalmente, vê essa cruz transformar-se em luz.

A luz que explode no céu ilumina os rostos voltados para o alto, simbolizando o "fogo do amor e da fé" que foi reacendido durante a romaria. Aquele clarão não é apenas pirotecnia, é a chama interior que, muitas vezes apagada pela dureza do cotidiano, agora arde com força nova. O romeiro, que chegou com o peso da cruz e a cera da promessa, é agora convidado a uma transformação.

A fotoetnografia conclui que a fé em Aparecida possui uma coerência inabalável. Ela é um ciclo completo que vai da carne ferida à alma em festa. O Santuário é, em última análise, um grande transformador de sofrimento em alegria. E quando os fogos se apagam, o que permanece iluminado é o rosto de quem, pela fé, encontrou o seu lugar no mundo.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Ao cruzar os portões de saída, o peregrino não deixa o Santuário para trás; coberto pelo manto invisível de Maria, retorna à sua realidade revigorado. A missão da peregrinação se cumpre aqui: o fiel torna-se, ele mesmo, uma "presença do Santuário" na vida das pessoas que encontrar. Ele volta realizado, não porque seus problemas desapareceram magicamente, mas porque ele se tornou uma pessoa melhor, alguém capaz de ser para o outro, o ombro amigo e o guia para a luz, exatamente como a filha é para a mãe nesta imagem. A festa, portanto, não é o fim, é o envio para a vida.

Esse envio se realiza ao final da liturgia, na saída do templo e no retorno pela Passarela da Fé. Como o "coração de Maria", o Santuário permanece ali como um grande Coração, pulsando mais forte por cada fiel que passou por ali e o alimentou, e em cada pulsar envia ainda esses e outros fiéis a nutrir o mundo, como o sangue nutre o corpo. Cada Artéria deste corpo é a saída do Santuário, cada veia é a sua entrada, mas todas elas são os caminhos que levam ao Santuário, conectando e circulando a "Capital Mariana da Fé" a todo o Brasil, que encontra em sua Padroeira, forças para viver.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Após caminharmos por essas narrativas, concluímos:

Fica perceptível que as pessoas não vão apenas para um espaço físico, mas para um espaço transcendental, onde sua fé e sua vida são validadas e revigoradas. Essa metamorfose do olhar é o fruto maduro da experiência fotoetnográfica: compreendemos que o Santuário não possui muros que o limitem, mas sim artérias que o conectam ao mundo. A 'Capital Mariana da Fé' se expande cada vez que um romeiro, ao cruzar o portal de saída, leva consigo a mística do acolhimento. O que foi capturado pelas lentes e analisado pelo pensamento não são meros registros de um evento religioso, mas a prova de que o sagrado se torna visível na dignidade do rosto humano, na resiliência dos pés cansados e na paz encontrada em um sono profundo sobre o chão sagrado.

Concluímos que evangelizar, sob a ótica de Aparecida, é um exercício contínuo de hospitalidade existencial. A jornada que se encerra nestas páginas é, na verdade, um convite para que a ética do cuidado e a estética da devoção transbordem para além do Vale do Paraíba. Ser 'um sinal da mãe acolhedora' significa transformar cada encontro cotidiano em um pequeno santuário, onde o outro, especialmente o mais fragilizado, possa encontrar o mesmo abrigo, a mesma validação e o mesmo amor que a Padroeira



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

oferece a todos os que a buscam. A missão da fé se completa, portanto, no serviço e na humanização das relações.

Para nós, este estudo não se limitou ao cumprimento de uma exigência curricular, mas configurou-se como um exercício de 'alteridade aplicada'. Ao suspendermos nossos próprios juízos para contemplar a mística do romeiro, fomos nós os primeiros evangelizados pelo olhar do outro. Aprendemos que a verdadeira estética da fé não reside apenas na simetria dos mosaicos ou na grandiosidade da cúpula, mas na “epifania do rosto”, no brilho de uma lágrima, na firmeza de um bastão de caminhada ou na entrega absoluta de um sono no chão. Essas imagens são o testemunho de que a filosofia, quando se inclina sobre a realidade do povo, deixa de ser abstração para se tornar compaixão e escuta.

Encerramos esta narrativa com a certeza de que a Festa da Padroeira ficará eternizada não apenas nos arquivos digitais, mas na nossa compreensão sobre o que significa acolher. Se “acolher bem também é evangelizar”, então a fotoetnografia cumpriu sua missão de ser sacramento: um sinal visível de uma graça invisível que une céu e terra no asfalto de Aparecida. Que estas páginas provoquem no leitor a mesma inquietação que sentimos ao capturá-las e narrá-las, a urgência de olhar para o próximo com a mesma ternura com que a Mãe olha para cada filho, transformando a vida em uma eterna romaria de amor, e fraternidade.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ATAÍDES, Fernanda Barros; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Anair Araújo de Freitas. A etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa. *Cadernos da Fucamp*, v. 20, n. 48, p. 133-147, 2021.

CALVINO, Italo. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: o objeto, o método e o escopo desta pesquisa. In: *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, s.d.

PAIVA, Gilberto. *Aparecida: a imagem, a história e a devoção*. 1. ed. Aparecida, SP: Santuário, 2023.



Acolher é Evangelizar:
Retratos da Humanidade
no chão de Aparecida

Acolher é Evangelizar: Retratos da Humanidade no chão de Aparecida

O que move o coração de um romeiro?
Caminhar por Aparecida é atravessar um oceano de histórias gravadas na passarela da fé e nas estruturas, onde, através de uma sensível lente fotoetnográfica, os autores Caio Brugneroto e Henrique Rios Gonçalves exploram na festa da Padroeira de 2025, as camadas invisíveis da cultura popular no maior centro de peregrinação da América Latina. Para além da grandiosidade dos monumentos, o que pulsa na "Capital Mariana da Fé" é a vida de um povo que deposita suas dores e esperanças nas mãos da Mãe.

Esta obra não busca apenas registrar imagens, mas capturar o "transcendental" no cotidiano, convidando você a um mergulho profundo no Santuário Nacional, não como um simples observador, mas como alguém capaz de sentir a alma de uma devoção que renova, fortalece e transforma. É um convite para olhar o mundo com novos olhos, compreendendo que a fé em Aparecida é um organismo vivo, onde o sagrado e o humano se encontram em um abraço de esperança que ressoa por todo o Brasil.

Descubra como cada prece, cada vela acesa e cada passo na Passarela da Fé revelam a beleza de ser, no mundo, um reflexo do acolhimento e do amor.

